

## **Paisagens sonoras: Copacabana -a praia e noite**

Maria Izilda Santos de Matos<sup>1</sup>

Existem praias tão lindas cheias de luz,  
nenhuma tem os encantos que tu possui  
Tuas areias, teu céu tão lindo  
tuas sereias, sempre sorrindo  
Copacabana, princesinha do mar  
pelas manhãs tu és a vida a cantar  
e a tardinha ao sol poente  
deixa sempre uma saudades na gente.  
Copacabana o mar eterno cantor  
Ao te beijar ficou perdido de amor  
e hoje vive a murmurar:  
Só a ti Copacabana eu hei de amar

(Copacabana, João de Barro-Alberto Ribeiro)

Esta investigação busca uma contribuição para os estudos de história cultural, elegendo questões que envolvem a cidade e suas paisagens sonoras. A análise observa as experiências urbanas num tempo-espaço específico – Copacabana, rastreando as transformações na área, as novas práticas de sociabilidade na praia, as formas comportamento e sensibilidades expressas no samba-canção, o estilo musical em voga nas noites do bairro.

Nas décadas de 1940 e 50, o Rio de Janeiro passava por um conjunto de reformulações urbanas, estava em voga: fumar o cigarro Pour la Noblesse, ler as Seleções do Reader's Digest, usar sabonete Lever, óculos Ray-ban e Brylcreem nos cabelos masculinos; ir ao Cassino do Copacabana Palace e passear pelas calçadas da praia. Copacabana firmara-se como um território especial, pelas calçadas preta e branca circulavam príncipes, banqueiros, milionários, políticos, diplomatas, estrangeiros e brasileiros, mulheres de vida fácil ou difícil, vendedores de pipocas, poetas e delinquentes, alguns passavam de “estômagos vazios e outros empanturrados, em lenta digestão” no dizer de Antonio Maria.

Nesses anos, Copacabana em muito se diferenciava do imenso areal de pescadores, referenciado pela vista encantadora e com acesso restrito, só por mar. Loteada nos finais do século XIX, buscava-se motivar os compradores destacando suas qualidades: clima esplêndido, frescor da brisa, salubridade da área numa cidade periodicamente dizimada por epidemias, ideal para os que acreditavam nos milagres curativos do banho de mar.

---

<sup>1</sup> Professora titular da PUC/SP.

A incorporação definitiva da área à cidade só ocorreu com a inauguração do primeiro túnel em 1892, seguido de outro em 1906, momento em que o prefeito Pereira Passos iniciou as obras de construção da Avenida Atlântica, com as calçadas revestidas de mosaicos pretos e brancos, com desenhos em ondas. A Companhia Jardim Botânico, responsável pela construção e operação dos bondes procurava atrair visitantes e divulgava a área:

Graciosa senhoritas, moços chiques  
Fugi das ruas, da poeira insana  
Não há lugares para piqueniques  
Como em Copacabana

O banho de mar não era hábito social difuso, mas terapia recomendada para tratamento de saúde, geralmente seguindo prescrições médicas, tanto que para acompanhar o hábito salutar, havia na área um estábulo onde se poderia tomar um copo de leite retirado na hora.

Destacava-se que os banhos frios tinham propriedades de ativar a circulação, restaurar a saúde da pele e ajudar com os problemas de pulmões. A natação já era vista com um dos exercícios mais completos, destacado pelo Dr. Antônio Martins de Azevedo Pimentel, que também observava que "Copacabana é a praia mais adequada para os banhos", por possuir água e areia límpidas.

Os banhos de mar respeitavam horários estipulados, sendo proibidos ruídos e vozerios na praia, os banhistas deveriam estar trajados apropriadamente, sendo essas normas estabelecidas por Decreto Municipal. Fotos dos finais do século XIX e início do XX exibem banhistas com seus trajes de banho, estes obedeciam a critérios rígidos, o corpo feminino não poderia ficar exposto, as indumentárias eram feitas de tecido grosso, em cores escuras, sendo compostas por calças largas até o tornozelo, blusões soltos com golas generosas, no estilo marinheiro, que ajudam a ocultar o colo e os seios. Para os homens, as restrições eram menores, os trajes mais justos para facilitar o nado e o torso nu com frequência.

Com a expansão da prática dos banhos de mar, a Prefeitura buscou regulamentar o seu funcionamento, em 1917 decretou:

"O banho só será permitido de 2 de Abril à 30 de Novembro das 6h às 9h e das 16h às 18h. De 1 de Dezembro à 31 de Março das 5h às 8h e das 17h às 19h. Nos Domingos e feriados haverá uma tolerância de mais uma hora em cada período...Vestuário apropriado

guardando a necessária decência e compostura. Não é permitido o trânsito de banhistas nas ruas que dão acesso às praias, sem uso de roupão ou paletós suficientemente longos, os quais deverão se fechados ou abotoados e que só poderão ser retirados nas praias... Não é permitido vozerios ou gritos, que não importem em pedidos de socorro e que possam alarmar os banhistas... É proibido a permanência de casais que se portem de modo ofensivo à moral e decoro públicos nas praias, logradouros e nos veículos".

Aos poucos o bairro de Copacabana foi atraindo novos investimentos e construções. Nos anos 1920, o então presidente da República Epitácio Pessoa sugeriu ao empresário Otávio Guinle a construção de um hotel de luxo, de nível internacional. A idéia era que o hotel ficasse pronto em 1922, para as Comemorações do Centenário da Independência, cujas festividades incluíam uma Exposição Internacional atraindo visitantes estrangeiros. Contudo, o Hotel só foi finalizado em 1923, o luxo e a sofisticação fizeram com as obras se atrasassem, mas tornou o hotel conhecido internacionalmente por sua elegância e luxuosidade, atraindo turista e personalidades de todo o mundo. O hotel Copacabana Palace tornou-se um monumento desse território tendo como pano de fundo a praia, um cartão postal do país.







Nas novas avenidas, em particular a da praia, passavam velozmente automóveis conversíveis e lambretas, enquanto certos habitantes dormiam, em algumas ruas, nos bares, restaurantes, boates, em salas pouco iluminadas e enfumaçadas, as tensões urbanas emergiam fragmentadas e diversificadas, tornando Copacabana um território para se trabalhar, divertir, viver as aventuras e desventuras da noite.

### **Sou da noite do Rio**

Sou da noite do Rio  
Da noite macia do Rio  
Sou desse bar que me chama  
Em nome de alguém que me ama  
Da noite tão bonita dou graças a Deus...  
A noite bonita do Rio  
Me prende  
Me toma em seus braços  
Me ampara  
Me ajuda meus passos  
(*Carioca*, Antonio Maria, 1954)

Durante a administração de Henrique Dodsworth (1937-45) na prefeitura do Rio de Janeiro, intervenções urbanas atingiram a área da boemia, particularmente na Lapa, colocando abaixo centenas de edifícios, abrindo parques e avenidas e ao mesmo tempo buscaram fechar os prostíbulos no Mangue (1942) e reprimindo a boemia malandra da Praça Onze.

Em nome dos bons costumes, o coronel Etchegoyen determinava que fossem presos malandros, prostitutas, boêmios, gigolôs, essas ações repressivas afastaram freqüentadores da boemia da Lapa e do Centro.

Nessa época a vida noturna da cidade transfere-se definitivamente para Copacabana, que era um território boêmio diferente da Lapa e do Estácio. Boates, como Vogue, eram freqüentadas pela nata da sociedade e da intelectualidade, o high-society, os cronistas da imprensa, a turma da música popular, paulistas ricos em férias e muitos deputados (Rio de Janeiro ainda era a capital federal) com carnudas vedetes. Destacavam-se Antônio Maria, Fernando Lobo, Lúcio Rangel, Sérgio Porto, Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Di Cavalcanti, somava Tom Jobim, Lúcio Alves, Dick Farney, Johnny Alf, Ivon Cury, Luiz Bonfá, Billy Blanco, Dolores Duran, Marisa, entre outros artistas da noite.

Nesse período quem tinha dinheiro e queria se divertir ia para Copacabana, o roteiro incluía cinemas, teatros, restaurantes, lanchonetes (snack-bars), clubes e várias boates (night-clubs). Lá se encontrava o cardápio mais sofisticado, sempre com novidades, nas pistas o cheek-to-cheek dos casais e refúgios para solitários.

O cotidiano noturno de Copacabana era vivenciado dentro dos bares e restaurantes, boates e cassinos. No Sorrento e no Maxim's os artistas do rádio e do teatro davam o tom; pela primeira vez, elegiam como ponto de encontro a Zona Sul. Os restaurantes eram vários, como: Furna da Onça, Alpino, Bambú, Tasca, Taberna, OK, Bife de Ouro, Maxim's, Alvear, Bolero, Cairo, Alcazar, Marrocos. Os franceses eram considerados chiques, entre eles se destacavam: Bistrô, Cloche d'Or, French Can-Can, Cremaillére e Tout-en-bleu.

Os cassinos eram dois: o do Copacabana Palace e o Cassino Atlântico. Lá se fazia a ventura e a desventura de seus freqüentadores, nos jogos de bacará, campista, roleta, black-jack e carteadado. Esses cassinos atraíam um público sofisticado com a apresentação de célebres artistas nacionais e estrangeiros, com grandes espetáculos musicais que aconteciam em suas dependências, até 1946, quando o presidente Dutra fechou os cassinos (seguindo os conselhos da então primeira-dama, D. Santinha, de que acabasse como aqueles "antros de pouca vergonha"), atingindo diretamente o meio artístico.

Uma recuperação viria com a transferência da boêmia para as boates -Vogue, Copa, Beguine, Little Club, Baccarat, Casablanca, Acapulco, Montecarlo, Bambú, Siroco, Mocambo -, algumas atraíam freqüentadores fiéis e polidos, mantendo-se assim por longos períodos outras se degradaram em pouco tempo. Nelas pares enamorados espalhavam-se pelas mesas dos cantos, envoltos na atmosfera da música de piano ou de um cantar sussurrado, que evocavam o amor magoado e a dor-de-cotovelo.

O Vogue era o mais refinado night-club da área. A pequena casa do Barão von Stuckart (um austríaco mais melancólico do que festivo), apresentava uma boa orquestra de negros americanos e o piano suave do Sacha Rubin, sempre com o cigarro no canto da boca.

Todas as grandes estrelas da época se apresentaram lá: Dolores Duran que começou sua carreira no Vogue em 1946, Aracy de Almeida se apresentou em espetáculos entre 1948 e 1952, Linda Batista era uma das contratadas de destaque entre 1947 e 1952, também se apresentaram Ângela Maria, Sílvio Caldas, Jorge Goulart e Inesita Barroso.

Durante a primeira metade da década de 50, Antonio Maria (é dele a celebre frase A NOITE É UMA CRIANÇA) escrevia a coluna "Mesa na pista", que geralmente tinha como centro a Boate Vogue, segundo ele – “nunca existiu nada como a boate Vogue, lá o charme imperava, as mulheres tinham os cabelos penteados por Renauld do Copacabana Palace e os homens vestiam ternos do London Taylor's.”

A boate Vogue funcionou a partir de 1946, se tornando ponto obrigatório das celebridades da época, como: Benjamin (Beijo) Vargas (irmão do presidente Getúlio Vargas), Teresa e Didu Sousa Campos, Lili e Horácio Carvalho, os Mayrink Veiga. Até que num domingo de agosto de 1955, à tarde, a boate Vogue pegou fogo.

Outras boas opções poderiam ser encontradas no Beco das Garrafas, o Little Club, o Baccarat e o Club de Paris. As madrugadas no Beco eram intermináveis e envoltas em música, bebida, papo livre, ensaios, promessas, talentos circulando a procura de um apoio.

Apesar da concorrência das produções norte americana, italiana, francesa e latina, a música brasileira era a atração principal nas boates, nos pontos de encontros informais da boemia e também nas rádios, ainda no auge da popularidade.

### **Sonoridades e sensibilidade boemias**

Os anos 40 e 50 são conhecidos como a "era de ouro do rádio", destacando-se entre as emissoras a Rádio Nacional, que mantinha a sintonia do Brasil com a Capital Federal. A acessibilidade ao aparelho, fez com que os rádios ocupassem um espaço cada vez maior na vida das pessoas, informando-as, divertindo-as e emocionando-as. A essa rede sonora somavam-se a circulação nacional do disco, das publicações especializadas, do cinema norte-americano e nacional.

Nesses anos as rádios divulgavam um samba que se diversificava rítmica e poeticamente e sofria crescente influência da música estrangeira, em particular da norte-americana. A cadência mais tradicional do samba começou a ser substituída, segundo os novos gostos, pelo samba-canção, mais lento, abolerado e centrado na temática da dor-de-cotovelo. Seu estilo dançante dominou a noite, cantado em pequenos ambientes, à meia luz, e encontrou a atmosfera ideal nas casas noturnas e boates, sendo bem recebido por diferentes

públicos, que se identificavam com o intimismo de suas letras.

Esse estilo disfarçava a atração pelo bolero (nem sempre considerado de bom-gosto), expressando um momento de internacionalização do samba, através do abandono de alguns instrumentos tradicionais, adaptando-se a orquestrações com predominância de cordas.

O samba-canção expandiu sua órbita de ação com as composições de Lupicínio Rodrigues, Herivelto Martins, influenciados pelos ritmos latinos, cantando melodiosamente os dramas, flagrantes amorosos e fragmentos do cotidiano, mostrando toda uma crise de valores e costumes, denotando as mudanças das relações afetivas. Como o sucesso de “Vingança”, na voz de Linda Batista

Eu gostei tanto,  
tanto quando me contaram  
que lhe encontraram  
bebendo e chorando  
na mesa de um bar...  
você deve estar bem consciente  
Do que praticou...  
você há de rolar como as pedras  
Que rolam na estrada  
Sem ter nunca um cantinho de seu  
Pra poder descansar

(Lupicínio Rodrigues, Vingança, 1951)

O samba canção marcou a memória dos anos dourados de Copacabana, quando se vivenciava um clima de pós-guerra (1945) com crescente esperança de se redescobrir o ser humano, com um querer ultrapassar barreiras, num país assentado numa "tenra democracia" que duraria pouco. As pessoas começavam a libertar-se de tabus ancestrais e dependências existenciais. Com rara sensibilidade, essas canções conseguiram flagrar o misterioso da vida, mas sem esclarecê-lo, expressava de forma melódica o que todos sentiam: o intimismo, os segredos dos corações apaixonados e desiludidos, sentimentos e ressentimentos, produzindo versos singelos e sensíveis.





Essas canções captavam muito desta atmosfera enfumaçada da boemia de Copacabana. Seu público, os amantes da noite e notívagos, sofriam influências "existencialistas", envolta em certo pessimismo do viver, em um culto à dor, no negro das roupas, tendo como refúgio os bares e boates pouco iluminados. As marcas da paixão na poesia e no samba-canção eram ditas ou cantadas em sussurros, tendo em frente um copo de uísque, celebrando a culpa, o fracasso, os amores impossíveis e a solidão.

Ai, a solidão vai acabar comigo  
Ai, eu já nem sei o que faço, o que digo  
Vivendo na esperança de encontrar  
Um dia um amor sem sofrimento  
Vivendo para o sonho de esperar  
Alguém que ponha fim ao meu tormento  
Eu quero qualquer coisa verdadeira  
Um amor, uma saudade, uma lágrima, um amigo  
Ai, a solidão vai acabar comigo

(*Solidão*, Dolores Duran)

Em versos como "Aí a solidão vai acabar comigo", Dolores Duran traduzia toda uma angústia de seu tempo que caracterizava a dor de amor, a procura de um amor idílico, com uma ânsia de perfeição nunca satisfeita, envolvida numa atmosfera de alegria triste e melancólica, dos olhos perdidos e marejados, de amores de contramão, paixões interditas ou impossíveis.

Assim, se varava as noites, “curtindo a fossa”, cantando as mágoas, dores de amor e dos rompimentos, descrevendo as experiências das noites passadas nos bares e boates, entre goles de uísque e sambas-canções, que eram verdadeiras narrativas do cotidiano boêmio, na forma de diálogo ou de confissão, cantada com sofisticação por Nora Ney:

Ninguém me ama  
Ninguém me quer  
Ninguém me chama  
De meu amor  
A vida passa  
E eu sem ninguém  
E quem me abraça  
Não me quer bem  
Vim pela noite tão longa  
De fracasso em fracasso  
E hoje, descrente de tudo  
Me resta o cansaço  
Cansaço da vida  
Cansaço de mim  
Velhice chegando  
E eu chegando ao fim

(Ninguém me ama, Antonio Maria, 1952)

Contudo, os shows de Johnny Alf e Dick Farney, o cantar melodioso de Tito Madi e Sylvinha Telles e os novos arranjos de Tom Jobim eram sinais de mudanças. As primeiras manifestações do que viria a ser conhecido como Bossa Nova ocorreram no final da década de 50, nas mesmas noites de Copacabana. A música foi se transformando, desconectando dos desencontros amorosos, saindo da noite para cantar o dia e a praia.

Amantes do jazz, compositores, instrumentistas e cantores tiveram participação efetiva no surgimento do gênero, que conseguiu unir o ritmo brasileiro às sofisticadas harmonias do jazz. A batida de João Gilberto, a gravação de Elizeth Cardoso interpretando “Chega de Saudade” (de Tom Jobim e Vinicius de Moraes), as reuniões dos rapazes bronzeados de Copacabana (Carlos Lyra, Roberto Menescal e Ronaldo Boscoli) no apartamento de Nara Leão e no Bar do Plaza, novas idéias e experiências produziram um estilo refinado, alegre e otimista.

Essas sonoridades se mantêm vivas nas memórias afetivas das noites de Copacabana.